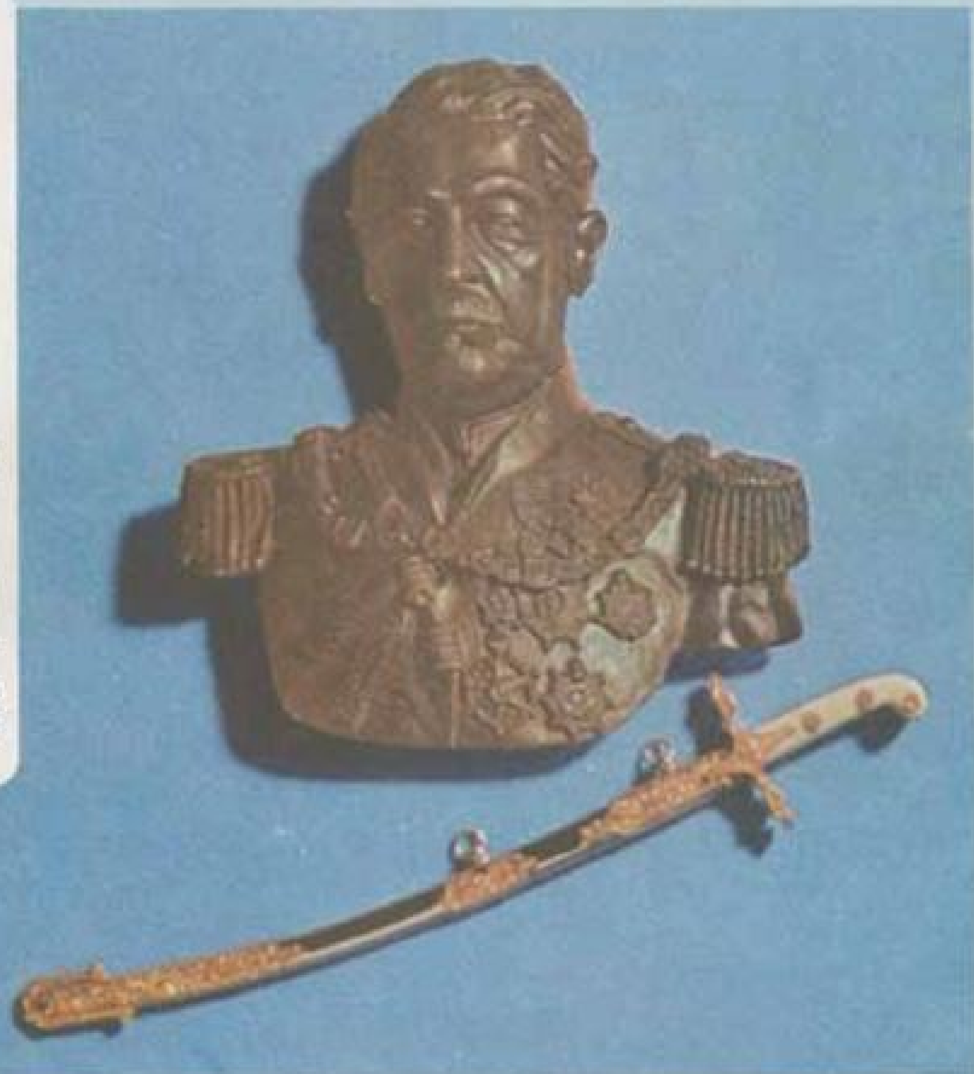
EDIÇÃO ESPECIAL
DIA DO SOLDADO



o verde-oliva

Gabinete do Ministro do Exército
Assessoria de Relações Públicas

Brasília, Agôsto de 1976 — N.º 15



CAXIAS PATRONO DO EXÉRCITO

Nesta Semana do Exército, o Soldado brasileiro é homenageado em nome de seu Soldado Maior: **Luiz Alves de Lima e Silva — Caxias.**

Relembrar a vida dos grandes heróis, examiná-la à luz da crítica, quer do sentimento quer da razão, é uma forma respeitosa no preito e gratidão à obra imperecível, que encerra, além de oferecer preciosos ensinamentos às gerações contemporâneas e modelar na história, exemplos, clássicos para a juventude de amanhã.

Como reflexo da consciência nacional, nesta invocação, destacam-se os contornos da figura gigantesca do cidadão magnífico, **Luiz Alves de Lima e Silva** que, como Soldado, se tornou o símbolo intangível de sua classe e, como estadista, continua a ser o modelo inatingido de seus pares. No ápice das glórias nacionais, seu vulto mostra-se inconfundível, suas virtudes e ações o alcandoram tão alto, tão respeitável que, como sombra tutelar, tangencia a própria imagem da Pátria.

O Brasil pode, orgulhoso, mostrar ao mundo o exemplo de dignidade de um filho seu, revivendo a bravura desse ilustre Soldado, na unificação do País, de norte a sul.

Foi **Caxias** a argamassa que não permitiu o esfacelamento do grande monólito que agentes das mais variadas origens tentaram corroer.

Dizer de suas virtudes e qualidades, seria plagiar, visto que a própria história, em seu seletivo e rigoroso crivo não pode deixar de homenageá-lo.

Silenciar, entretanto, não reviver a memória de tão grande vulto, seria imperdoável.

Por mais brilhantes que sejam as homenagens e manifestações de reconhecimento feito à memória do grande **Caxias**, jamais o Brasil resgatará a dívida empenhada pelos relevantes serviços que inesgotável e imensa dedicação prestou à Pátria, na sua formação.

Suas qualidades e feitos como cidadão e Soldado são incontestes, o seu amor à Pátria e dedicação à causa nacional, não há, pelo seu vulto, como desconhecê-los.

Nas mais diversas aplicações de sua inteligência, não vacilou, foi sempre o mesmo. Soube administrar, combater, governar, tudo em máxima escala, permanecendo simples e modesto. Nunca foi visto desmentir-lhe o vigor de ânimo ou a placidez de espírito, nem nos mais críticos momentos. Sua índole, de grande guerreiro, cidadão e patriota o remoçava a cada novo empreendimento.

É difícil, sintetizar os gloriosos feitos de **Caxias** em um curto espaço de tempo. Sua história é muito longa e representa um trabalho intenso e profícuo de muitos anos, sem trégua, numa indormida vigilância.

A retidão de seu caráter, o espírito cristão e humanitário, a lealdade e disciplina são espelho para nós militares e inspiração para nossas Forças Armadas.

Revivendo-o, em seus feitos e bravura, em todas as circunstâncias do nosso Exército, vamos encontrar exemplos análogos para encorajar e motivar o Soldado de hoje e de amanhã.

É em homena deste valor, que o Brasil espera e conta para se alinharem e formarem as fileiras de seu Exército, concretizando os objetivos da Revolução de 31 de março de 1964 e garantindo a segurança e a soberania nacionais.

"Abracemo-nos e unamo-nos para marchar não peito a peito, mas ombro a ombro, em defesa da Pátria que é nossa mãe comum". Caxias.

UNIFORMES DO EXÉRCITO





Os uniformes de nosso Exército sofreram várias transformações, através dos tempos, influenciadas por exércitos de outras nações. Selecionamos, neste trabalho, alguns dados curiosos sobre a evolução de nossos uniformes, baseados no livro "História Militar do Brasil", do historiador Gustavo Barroso.

BRASIL-COLÔNIA

Embora, o Brasil nessa época, não possuísse seu próprio Exército, a necessidade da defesa da Pátria contra estrangeiros, ditou a criação de unidades táticas militares denominadas terços. Cada terço compunha-se de dez companhias de cem homens. Suas origens remontam às legiões romanas, nascidas das falanges greco-macedônicas.

Em Pernambuco, na Bahia e no Rio surgiram os regimentos. Na Província Mineira foram criados os Regimentos de Caçadores a Pé das Milícias, com fardas brancas paramentadas de vermelho, compostos, unicamente, de negros, chamados Caçadores-Henriques.

Também em Minas, foram criadas as companhias dos Dragões Reais. Os Dragões da 1.ª e 2.ª companhias usavam farda azul, tendo, os primeiros, vésties, canhões e forros amarelos e, os segundos, em vermelho. Os chapéus eram tricórnios, e, em geral não traziam nos topes as cores nacionais e sim as dos respectivos regimentos. As cores azul e branca eram privativas de Portugal, tornando-se nacionais no século XIX.

Segundo o *Arquivo Nacional*, em 1767, os oficiais usavam um gorjal dourado sobre a gola, última reminiscência da couraça do antigo nobre. A Cavalaria usava, naquela época, botas de canhão. Os oficiais usavam bastão e tricórnio.



Com o vice-reinado, o Conde Cunha organizou a 1.ª Companhia de Cavalaria da Guarda dos Vice-reis, da qual, originou-se o nosso tradicional 1.º Regimento de Cavalaria — Dragões da Independência — que hoje, em grande gala, veste o mesmo uniforme usado pela Guarda de Honra de D. Pedro I. Farda branca com gola e canhões vermelhos, bota e capacete.

O uniforme da Guarda de Honra foi idealizado pelo próprio Imperador e desenhado por Debret, que buscou inspiração no uniforme dos Dragões da Áustria, naturalmente, por ser a Imperatriz Maria Leopoldina Arquiduquesa daquele País.

Dois tipos de capacetes foram usados. O primeiro, dourado, todo de metal em escamas, com um dragão na cimeira, de cujas asas abertas escorre farta crina. O outro capacete passou a ser usado após o segundo casamento do monarca, era de couro preto com ferragens douradas e três círculos concêntricos no tope. No restabelecimento desse uniforme em 1927, escolheu-se o primeiro modelo para ser usado.

Logo depois da 1.ª, foi organizada a 2.ª Companhia, ambas usavam o mesmo capacete característico dos Dragões contemporâneos, criado para a guarda de Luiz XIV, na França, de onde se espalhou para o mundo. Cimeira e cauda lembrando as dos cascos dos legionários romanos. Em derredor uma cinta de pano, espécie de turbante, ou então uma pele mosqueada. Entre nós usou-se a pele de onça. Calçavam botas de canhão, semelhantes às dos jóqueis, muito próprias da elegância militar e civil do século passado.

As necessidades, em decorrência de guerrilhas internas, tornaram importante a Organização Militar, até então descuidada. São organizados: o 1.º Regimento Velho de Infantaria, com uniforme de predominância azul e enfeites brancos; o 2.º Regimento Novo, usa uniformes azuis com enfeites brancos e metais amarelos.

A Artilharia usa no uniforme, canhões e golas pretos. Os botões em metais brancos duraram no Exército até D. João VI.

No século XVIII, de modo geral, os oficiais usavam tricórnio agaloado, com laço e presilha à esquerda, casaca com forros e canhões das cores regimentais; a princípio, canhões amplos cheios de carcelas e botões, depois, de menores dimensões, até se tornarem da largura das mangas; camisas com peitilhos e punhos de rendas, que só desapareceram no começo do século XIX. Nas grandes alterações das linhas dos fardamentos do fim do século XVIII, sente-se a influência francesa. A casaca dos oficiais tem trespasse e bandas pontudas, as abas são longas, os sabres curvos e as faixas de cachos compridos. As fardas dos soldados se encurtam. Começam as fardetas. Há ainda a fita no cabelo, que só desaparece em 1806.

BRASIL-REINO

Nesta época, pormenores lembram os uniformes do século XVIII. As fardas são fechadas e as bandas reunidas formam o peitilho. As calças são colantes e compridas, terminando dentro das polainas.

A Lei de 19 de maio de 1806, que aprovou o plano geral de uniformes do Exército Português, influiu, grandemente, so-











bre o Brasil. Dela vieram as pantalonas e as elegantes casacas fechadas.

Em 1816, o Decreto Real descreve os fardamentos de 1.ª e 2.ª linhas, para o Exército Brasileiro. As calças são largas e as divisas dos inferiores, amarelas. Todos os metais de 1.ª linha são dourados e os da 2.ª linha prateados.

BRASIL-IMPÉRIO

Foi uma das preocupações de D. Pedro I, tornar os uniformes militares distintos dos de Portugal. As cores portuguesas cederam lugar ao verde e amarelo nacionais.

O 1.º Regimento de Cavalaria adotou gola verde e canhões azuis, que durou até 1823. A 2.ª linha composta pelas milícias, distinguia-se pelos penachos verde-amarelos que o povo chamava de "periquitos".

Em 1823, através de Decreto, foi criado o 1.º Plano de Uniformes para o Estado-Maior do Exército e Engenheiros, regularizando emblemas, bordados e distintivos. A folhagem de carvalho estilizada dos bordados dos generais portugueses continuou nos uniformes dos generais brasileiros, até nossos dias.

No 1.º Reinado, inauguram-se as pantalonas brancas apresilhadas ou com polainas para quase todas as tropas. Usam-se as chouriças (dragonas enchumaçadas) vermelhas e brancas para os granadeiros, vermelhas para os fuzileiros e negras para os caçadores a pé.

BRASIL-REGÊNCIA

A Regência caracterizou-se pela abolição dos granadeiros e fuzileiros, dando importância aos caçadores, para os quais se adotou o fardamento verde, que ficou tradicional, botões pretos e barretinas de novo modelo, cintada, que desapareceu com a Guerra do Paraguai.

O Decreto de 7 de agosto de 1852, pôs fim às irregularidades e confusões dos uniformes do 2.º Reinado. Daí até 1860 a indumentária militar atingiu o máximo de seu esplendor. O Estado-Maior manteve o tipo tradicional. Os Corpos Especiais pouco mudaram. Deram-lhe dragonas escamentadas com presilhas de galão, cuja forma ainda subsiste. Em 1856, adota-se o boné denominado quepe, em substituição às várias formas de bonés e gorros. Nessa época, criou-se a Guarda Nacional.

GUERRA DO PARAGUAI E SUA INFLUÊNCIA

Essa guerra obrigou o governo a grandes modificações. Sentiu-se de modo definitivo a influência francesa, que já se acentuava na pomposa indumentária de 1850 e 1860. Deu-se aos generais o boné francês, o quepe de pequeno uniforme, chamado à Cavaignac, por ter sido, talvez, o general desse nome o primeiro a usá-lo. Esse quepe, a barbicha em ponta, o cavanhaque, foram característicos da época.

Com o Decreto de 28 de fevereiro de 1866, aboliram-se as casacas, as cores regimentais, a farda verde dos caçadores e as polainas. Adotaram-se barretinas afuniladas, guritões com cordões e borlas em primeiro uniforme e gorro de dois bicos, para a tropa, os quais ainda são usados.

Desde a guerra, até 1883, não foram grandes as modificações, daí em diante começou a decair o esplendor e o valor tradicional.

Em 1883, os cordões encarnados das barretinas dos oficiais são trocados por torçais dourados e o penacho toma a forma de coqueiro.

Treze anos depois, trocou-se o cinzento escuro da infantaria pelo azul-ferrete. A Campanha de Canudos, mais tarde, apontou os graves defeitos do fardamento até então em voga, os soldados vestiam-se em confusão, uns à gaúcha e outros à sertaneja.

BRASIL-REPÚBLICA

Profundas modificações se fizeram nos uniformes. Vieram os capacetes, alamares postiços e meia-botas. Restauraram-se vivos, carcelas, listas e golas de cor a esmo. Voltou o antigo aspecto dos generais e do Estado-Maior.

O Colégio Militar adota a túnica castanha, cor de pinhão, da velha infantaria portuguesa, cor que foi trocada pelo azul, no centenário da Independência, sem nenhuma razão.

De 1903 datam os capacetes coloniais brancos empenachados e o dólmã para todas as armas. Desapareceram os bordados dos generais. Usa-se, pela primeira vez, o brim cáqui.

Cinco anos mais tarde, pelo Decreto n.º 7.201, novas transformações, que originaram os uniformes usados até nossos dias, com pequenas modificações.

As fardas dos soldados passaram a ter gola dupla e canhões de cor mais escura. As dos oficiais, passaram a cinzentas escuras com calças mais claras, tiveram gola aberta e gravata, com distintivos na gola. Desapareceram os galões, substituídos por estrelas raiadas em ouro para os oficiais superiores.

Apesar das inovações, começou o Exército a voltar ao culto de suas tradições gloriosas. Essa reação foi iniciada em 1916 pelo então Deputado Gustavo Barroso, com seu projeto de restabelecimento n.º 1 (um) de Cavalaria, do uniforme dos antigos Guardas de Honra de D. Pedro I, sob o nome de Dragões da Independência. Essa idéia, muito combatida, vingou em 1926 e foi realizada. Depois, a Escola Militar adotou em grande gala, a farda das Infantarias Imperiais, criou-se o Batalhão de Guardas com o uniforme tradicional dos antigos Henriques e, o Colégio Militar recebeu barretinas copiadas das do Segundo Reinado.

A evolução de nossos uniformes a partir da década de trinta será tratada em outra oportunidade.

Ordem do dia

Soldado Brasileiro!

Neste "Dia do Soldado", a juventude é o objeto e o tema das reflexões do teu Ministro, ao reverenciar o Exército e ao saudar seus integrantes.

A juventude é o objeto dos meus desvelos, porque de moços se formam as fileiras das Forças Armadas, instrumentos essenciais da segurança e da afirmação pátrias, e é o tema de minha saudação porque nela vejo, não apenas o tecido fundamental do Exército, mas o próprio plasma da Nação, onde se encontram as fontes da continuidade, da evolução e da esperança.

Volto o meu pensamento para aqueles que estão cumprindo o dever cívico do serviço militar para dizer-te — conscrito de todos os quartéis do Brasil — que o "Dia do Soldado" é o teu dia, na incessante renovação das sucessivas gerações que, na caserna, anualmente, aprendem a lição de solidariedade entre todos os brasileiros.

Quero dizer-te que o Exército é uma escola de vida para a vida, onde se pratica, em sua máxima amplitude, o conviver humano, e se adquirem, para a existência toda, as virtudes da disciplina e da ordem, da austeridade e da renúncia, da lealdade e do companheirismo, e se aprende a valorizar o cumprimento da missão.

Aplica-te ao teu dever de agora, com todas as energias de ti mesmo, e descobrirás as raizes de tuas forças mais preciosas, que te ajudarão a vencer os desafios maiores, quando, de volta à condição civil, estimulado por impulsos novos, enfrentares a difícil concorrência pela realização de teus anseios profissionais.

Une-te, firme e lealmente, a teus chefes e companheiros atuais, e compreenderás os valores eternos do trabalho associativo e ordenado, que servirão de base à construção de teu futuro.

Aprende a confiar em ti mesmo e nos outros, e encontrarás a indispensável segurança para os teus gestos, tuas atitudes e teus dias.

Se hoje obedeces, conscientemente, aos regulamentos militares que regem esta tua vivência passageira, sempre amarás e respeitarás a lei de teu país, contribuindo para a harmonia social, característica das nações bem formadas.

Aprende a conciliar a iniciativa com a discipçlina, o entusiasmo com a ponderação, a energia com a paciência, a liberdade com a responsabilidade, e sentir-te-ás mais útil, para ti mesmo, para os teus e para os outros.

Busca valorizar cada instante de tua permanência no Exército com a descoberta e o aprimoramento de uma nova qualidade de teu caráter, e edificarás, intimamente, o homem verdadeiro, o cidadão livre, forte e generoso, apto a constituir família e a torná-la parcela fecunda da sociedade.

Dirijo minha atenção para os jovens que, hoje, se encontram nas nossas escolas de formação, para os quais o Exército não é uma passagem, mas um objetivo. A estes, quero dizer que a carreira militar é muito mais do que uma simples profissão; que a farda se confunde com a nossa própria pele; que a nossa opção voluntária corresponde a um voto de renúncia a toda forma de notoriedade; que nossa retribuição e nosso prêmio sempre terão de ser encontrados muito mais dentro de nós mesmos, na exata percepção do nosso papel e na alegria sublime do dever bem cumprido, do que em qualquer forma de paga material ou de alheio reconhecimento.

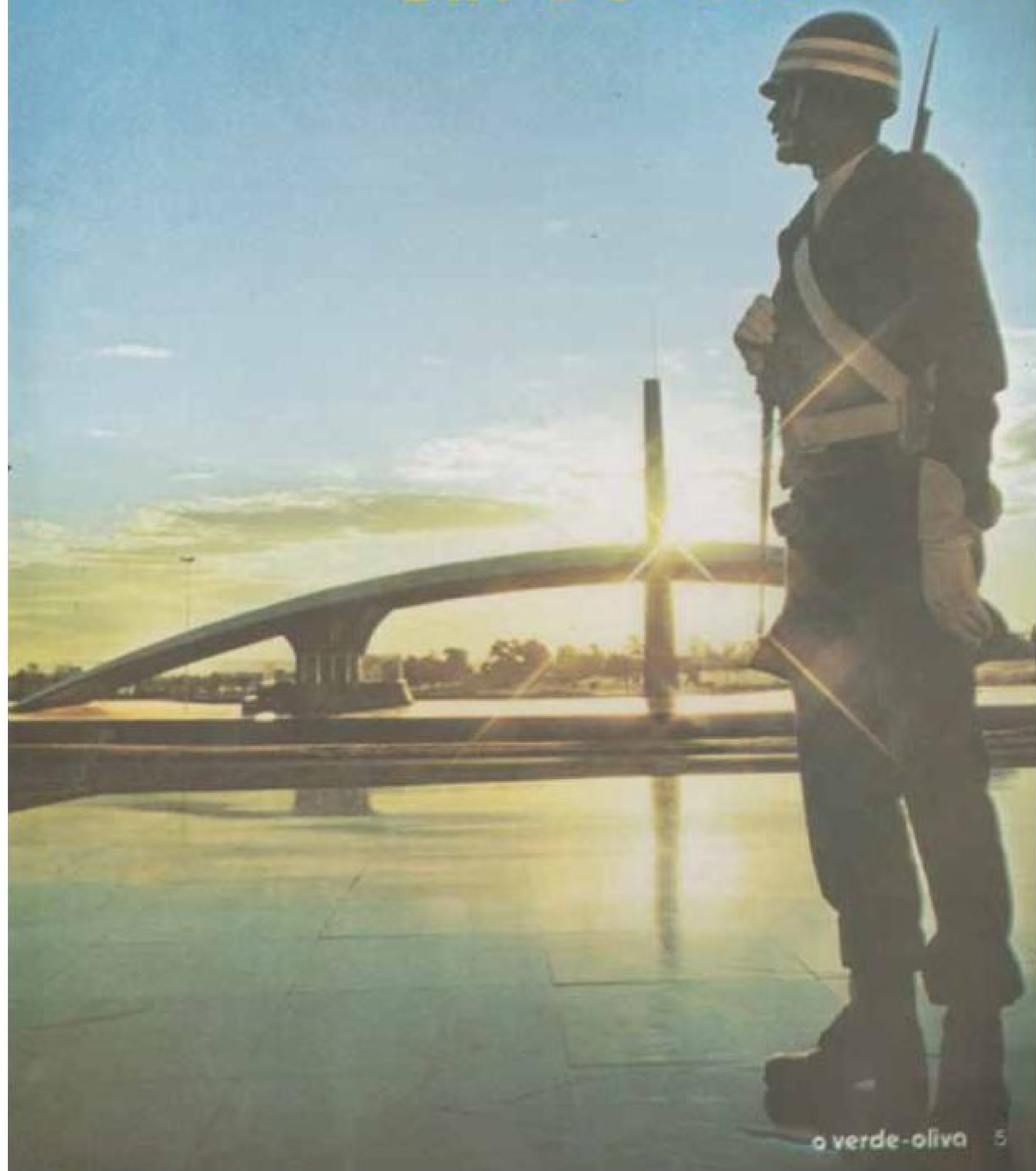
Volvo minha lembrança para os oficiais e sargentos, cuja valia funcional mede-se pela capacidade de modelar soldados-cidadãos, na sua nobre tarefa de, ano após ano, contribuir para transformar o inquieto e imaturo adolescente que chega aos nossos quartéis no homem consciente e confiante que devolvemos a seu lar.

Encaminho, afinal, minha meditação para toda a juventude: para os que já serviram, para os que ainda não foram chamados e, especialmente, para aqueles que, por motivos vários, nunca chegarão a conhecer a caserna, em suas grandezas e servidões. A estes, desejo ressaltar minha convicção de que se pode servir ao Brasil e aos brasileiros em qualquer setor de atividade, desde que se coloque o bem comum acima dos interesses mesquinhos, inspirados sempre no egoísmo sem limites, pedindo-lhes que procurem conhecer melhor as Forças Armadas e os homens que as compõem, visto que só o conhecimento gera a compreensão e a confiança recíprocas.

Este velho soldado, a quem, sendo Ministro, cumpre conduzir os jovens soldados de hoje, deseja assinalar que o Brasil depende da união de todos nós, quaisquer que sejam nossos caminhos, destinos, origens e idades. A juventude vale mais na medida em que se aplica em ampliar o legado recebido de seus ancestrais do que em negá-lo ou tentar destruí-lo, consciente de que o dever de cada geração é dar à comunidade uma contribuição ainda maior do que a anterior. Reconhecendo a inarredável transitoriedade de sua condição, os moços encontrarão, nas forças do espírito, o segredo da persistência, na renovação do idealismo e da fé.

Neste dia, em que veneramos o maior de todos os soldados — LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA, o DUQUE DE CAXIAS — o Exército Brasileiro, na palavra do seu Ministro, saúda em ti, soldado de agora, a juventude de nossa terra, que repudia o preconceito, a intolerância, a violência, as ideologias fanatizadoras e as doutrinas anticristãs, para exaltar os valores da verdade, da justiça e da liberdade, para praticar, como nenhuma outra gente, a ampla e fraterna convivência humana, seguindo os ditames da consciência nacional.

25 DE AGOSTO
DIA DO SOLDADO



AOS MILITARES DA RESERVA

Anos e anos de incansável luta, de anonimato, em prol da Pátria. Obediência, disciplina, trabalho, são lemas de muitos, que a vida inteira dedicaram ao povo, ao Exército, à Nação.

"O Verde-Oliva", nesta edição comemorativa do Dia do Soldado, homenageia a todos os militares que lutaram em nossas fileiras e, ainda lembrados por seus feitos, encontram-se na Reserva do Exército Brasileiro. Soldados pela disciplina, heróis pela renhida luta, grandes vultos pelos trabalhos prestados.

Num gesto de reconhecimento, o "Verde-Oliva" agradece a colaboração destes que, agora, na quietude de seus lares, junto às respectivas famílias, desfrutam a paz e a tranqüilidade do dever bem cumprido.

São labores que se somam e se multiplicam, uns aos outros, num contínuo engrandecimento, em degraus que, na sua ascenção, levam-nos a um ápice glorioso de segurança e progresso.

Lutas desconhecidas, glórias não divulgadas, sucessos embargados pela modéstia e simplicidade de muitos, os tornam ocultos aos olhos do mundo. Mas o Exército Brasileiro e a Pátria, reconhecidos, cônscios de seus valores, agradecem e os glorificam nesse anonimato.

Seus feitos foram base ou continuação, foram elos do engrandecimento pátrio, de sua segurança, de seu progresso e afirmação como Nação Soberana.

O seu trabalho foi um tijolo da base, ou na elevação de uma parede, na construção de um grande edifício ainda inacabado, que muitos outros reconhecendo seu valor, continuaram e continuarão, somando esforços para colimar a grande obra.

Militares da Reserva do Exército Brasileiro! Seu trabalho continua vivo entre nós, nele ficou sua assinatura, no tijolo da construção sua marca indelével, que a cada nova hora recorremos como subsídio e exemplo para concluirmos o gigantesco empreendimento: a segurança de uma Pátria Livre.

REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA

Dois Séculos de Sentinela



UM TESTEMUNHO

Como testemunho do arrojo de nosso antepassado histórico, entre muitos outros, destaca-se por sua imponência, o Real Forte Príncipe da Beira.

Fundado a 20 de junho de 1776, pelo Governador Capitão-General da Província de Mato Grosso, D. Luiz Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, que, pessoalmente, lançou a pedra fundamental do Forte, agora, duas vezes secular.

Construir o Príncipe da Beira, naquela conjuntura, foi sem dúvida, um desafio.

As dificuldades encontradas para levar a cabo a missão eram enormes, mas bem maior a coragem e a abnegação no cumprimento de um dever.

"A Soberania e o respeito de Portugal impõem que neste lugar se erga um Forte, e isso é obra e serviço dos homens de El-Rei nosso senhor, e, como tal, por mais difícil e por mais trabalho que isso dê.... É serviço de Portugal. E tem de se cumprir".

Hoje, com dois séculos de sentinela, cumpriu e cumpre a sua missão. Pacificamente desempenha o difícil e penoso encargo de vigilante e guarda fronteiriço numa inóspita região.

Nas longínquas paragens do Município de Guajará-Mirim, na Rondônia, à margem direita do Rio Guaporé, na fronteira com a Bolívia, imponente se mostra o Real Forte Príncipe da Beira.

Atestado concreto do imorredouro esforço dessas primeiras gerações, que souberam servir de padrão, de glória da comunidade luso-brasileira, com seu exemplo de grandeza e valor dos homens que criaram a Pátria.

LOCALIZAÇÃO

O Príncipe da Beira, dista em linha reta, 1.145 km de Manaus e 300 km de Rio Branco. Por via fluvial, está distante de Guajará-Mirim 375 km.

Situa-se numa altitude de 220 m, com um clima ameno e saudável, por vezes atingido por correntes frias provenientes das cordilheiras andinas.

Num formato quadrado de 970 metros de perímetro e muralhas de 10 m de altura com quatro baluartes, o Forte guarda um total de 56 canhões.

Os baluartes, de acordo com os costumes da época, foram consagrados aos seguintes santos: N. S. da Conceição, Santa Bárbara, Santo Antônio de Pádua e Santo André Avelino.

O FORTE

Era circundado por um largo e profundo fosso, com uma única entrada de 3 metros de largura, na muralha Norte, que se conduzia através de uma ponte levadiça.

Em seu interior existiam: uma capela, armazéns, depósitos, e quatorze residências que se destinavam ao comandante e demais oficiais.

Em resumo, este foi o mais requintado em acabamento e o mais poderosamente armado, de todos os nossos fortes.

Com a proclamação da República, em 1889, o Forte foi abandonado, em conseqüência, saqueado, depredado. A exuberante vegetação local se fez dona de suas dependências, suas paredes cediam à ruína.

Em 1930, Rondon, em suas benéficas andanças pela região, redescobre o Velho Forte, arcado sob a densa selva.

O Exército dois anos depois, por interveniência do grande Rondon, voltou a se fazer presente no local, criando o Contingente Especial de Fronteira do Forte Príncipe da Beira, que em 1954, teve sua designação mudada para 7.º Pelotão de Fronteira, ainda atual.

Em novo aquartelamento, o Exército vem-se empenhando, através do CMA, no sentido de recuperar e manter o que sobrou do majestoso Forte, a mais portentosa obra da engenharia militar da época do Marquês de Pombal.

Seu primeiro comandante foi o Cap. de Dragões, da Capitania de Goiás, José Mello Castro de Vilhena, e o atual Cap. Inf. Eduardo Carlos Albuquerque Duarte. A eles e a todos que "com o seu trabalho, abnegação e dedicação acrescentaram mais um tijolo a esta admirável obra de afirmar, no médio Guaporé, a presença e a soberania nacional" as homenagens de "O Verde Oliva", neste bicentenário.

POPULAÇÃO

Sob o suporte do Pelotão ali instalado, vivem cerca de 2 mil habitantes, buscando na lavoura de subsistência e na indústria extrativa vegetal, o seu sustento.

Com seus próprios recursos, o Exército já proporcionou a Príncipe da Beira, luz elétrica, esgoto, água encanada e, através de seus especialistas de saúde e veterinária, presta assistência gratuita a toda população ribeirinha do Guaporé.

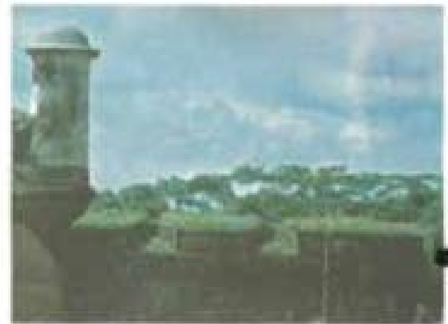
O transporte de pessoal e material é feito nas embarcações do 7.º Pelotão de Fronteira.

A localidade conta com uma pequena agência do Correio e a FAB mantém uma linha quinzenal para Príncipe da Beira, em aviões C-47.

A Secretaria de Educação do Território lá mantém uma escola de 1.º grau, com cerca de 200 alunos. O ensino de 5.ª a 8.ª série é noturno.

Em tão longínquas paragens, o Exército empenha esforços para garantir a segurança, integrar uma população e conservar um patrimônio histórico.

Um país que tem história deve resguardar sua perenidade.



A GUARNIÇÃO DE BRASÍLIA


Quartel General do Exército — SMU


Dragões da Independência e Batalhão da Guarda Presidencial — Praça dos 3 Poderes

Brasília, o centro decisório do País, chama a si, por circunstâncias administrativas, os órgãos de cúpula do Brasil. Por essas razões, em modernas instalações situam-se, na jovem capital brasileira, os Departamentos e quase todas as Diretorias do Exército Brasileiro.

Localizada no Planalto Central, Brasília, numa altitude de 1.152 m, tem o clima temperado, seco e ameno, umidade relativa do ar baixa, mesmo nos períodos chuvosos.

INFORMAÇÕES ÚTEIS

Brasília dispõe de um sistema de tratamento d'água, segundo as mais modernas técnicas. Não possuindo acentuado sabor de cloro ou fluor. Não há escassez no abastecimento.

A voltagem da cidade é de 220 volts e 60 ciclos. Verificam-se ocasionalmente, breves interrupções no fornecimento de luz, na época chuvosa. Para os eletrodomésticos, cuja voltagem seja de 110 volts, é necessário o uso de transformadores.

O custo de vida é razoável. A cidade é bem servida de bons supermercados. Todas as super-quadras têm nas proximidades, comércio local satisfatório às primeiras necessidades.

Nas cidades satélites do Guará, Núcleo Bandeirante e Taguatinga existem feiras-livres diariamente, com preços mais acessíveis do que os da cidade.

O Ministério do Exército dispõe de moradias, apartamentos e casas, para todos os militares e funcionários civis transferidos para Brasília.

Essas residências situam-se nas SOS 209, 115 e nas SON 102, 103, 305, 306 e 113 e no Cruzeiro, além de residências oficiais no Setor Militar Urbano.

COMUNICAÇÕES

Brasília se liga com o Brasil e o mundo, por um ótimo serviço telefônico, inclusive com "Discagem Direta à Distância", cujo prefixo da cidade é 0612.

A cidade já conta com vários jornais diários e se encontram com facilidade os grandes jornais e revistas publicados no Brasil. Dispõe de estações de rádio e televisão. Os vários programas do Rio e São Paulo, bem como jogos de futebol, são transmitidos diretamente, via Embratel.

ENSINO

É uma das cidades brasileiras que maior facilidade propicia ao estudo, que é de bom nível. As estatísticas dizem que para cada quatro habitantes um é estudante.

Para o ensino de 1.º grau, em quase todas as super-quadras existem escolas classes, com cursos diurnos e noturnos, além das escolas particulares. Também há escolas de 2.º grau e inúmeros cursinhos pré-vestibulares.

O ensino superior é ministrado em cursos de graduação, pós-graduação, especialização e extensão, pela Universidade de Brasília.

Além dessa Universidade, que se alinha entre as maiores do País, existem cinco outras faculdades particulares, com cursos noturnos, todas reconhecidas pelo Ministério da Educação e Cultura.

TRANSPORTE

Brasília está ligada com quase todas as capitais dos Estados por transportes aéreo, rodoviário e ferroviário.

O transporte urbano se faz através de uma empresa pública e quatro particulares, que ainda deixam muito a desejar.

Devido às grandes distâncias entre os colégios, as universidades e as super-quadras, o transporte dos estudantes, em princípio, deve ser feito por conta própria. A cidade já dispõe de algumas empresas de transporte escolar, amenizando o problema.

Há na cidade um bom serviço de táxi, e o automóvel particular é de real necessidade. Entretanto, o grande número de carros particulares tem aumentado as dificuldades do tráfego, dando à cidade um alarmante índice de acidentes automobilísticos.

SAÚDE

O Distrito Federal dispõe de vasta e bem montada rede hospitalar. As unidades públicas hospitalares se elevam a mais de dez, e a esse número se equiparam os hospitais particulares.

O Exército conta com os serviços do Hospital da Guarnição de Brasília e o Hospital das Forças Armadas. Ambos bem equipados e aparelhados. Sendo esse último um dos hospitais mais bem aparelhados da América Latina.

ATIVIDADES SÓCIO-CULTURAIS E ESPORTIVAS

A cidade possui um número razoável de clubes, com piscinas, play-ground, quadras de tênis, volibol, basquetebol, futebol de salão, salas de jogos, etc.

O Exército, dispõe do Círculo Militar e do Clube de Subtenentes e Sargentos de Brasília. Encontra-se em fase de construção o Clube do Exército.

Brasília tem grande número de cinemas, alguns de primeira categoria, destacando-se entre eles o Cine Espacial, que é dotado de 2 telas panorâmicas.

O Teatro Nacional de Brasília é uma expressiva obra arquitetônica, com duas salas de espetáculos: a Martins Pena, em pleno funcionamento, e a Sala Villa Lobos, ainda inacabada.

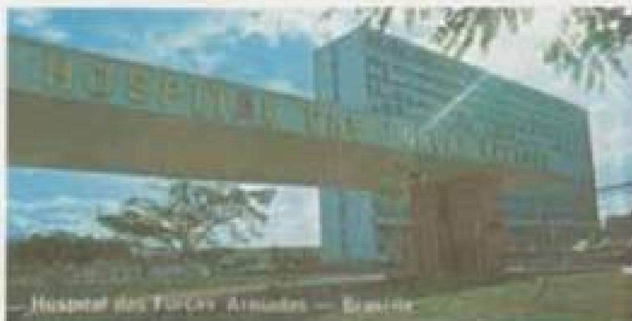
A GUARNIÇÃO MILITAR

No Setor Militar Urbano, o Quartel General do Exército, projetado por Oscar Niemeyer, destaca-se por sua imponente beleza arquitetônica e pela bonita praça com jardins de Burle Marx.

Também no SMU, situam-se as Organizações Militares da Guarnição de Brasília, o Oratório do Soldado e o Hotel de Trânsito.

Na Esplanada dos Ministérios, no Bloco 4, estão instalados outros órgãos do Exército.

Brasília é hoje, com seus 16 anos, uma cidade integrada e humana, cidade cônscia de seu dever de Capital da República Brasileira, proporcionando a seus habitantes tudo o que uma grande cidade pode oferecer.


Hospital das Forças Armadas — Brasília

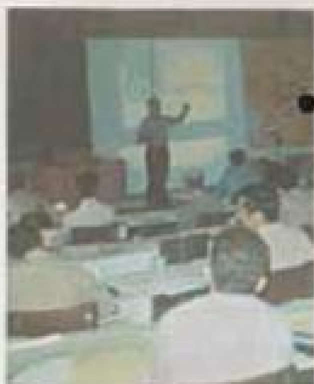

Q. G. do Exército — Auditório


Ministério do Exército — Esplanada dos Ministérios

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. ECEME







"Mais importante do que a organização e as armas são os homens que compõem um moderno Exército. A modernização exige saber, pensar e agir rapidamente, e ter versatilidade. E desse saber combater em condições superiores contra um inimigo acirrado. Deve possuir, pelo menos em igual medida, a coragem moral e a devoção ao dever demonstrados pelos seus antepassados".

A ECEME, com a função de formar chefes militares procura desenvolver em seus oficiais-alunos o espírito de iniciativa, o hábito de afirmação da vontade, a consciência democrática e elevados padrões morais, dando-lhes a necessária flexibilidade mental e a prática do método de raciocínio na solução de problemas que resultam de situações novas e originais.

HISTÓRICO

Compreendendo que as atividades de assessoramento do oficial de Estado-Maior exigiam conhecimentos de nível superior, carecendo o País de um Instituto para Altos Estudos Militares, em que seriam admitidos oficiais selecionados nas diversas Armas e Serviços, de reconhecida competência, comprovada experiência profissional e indiscutível valor moral, em 2 out. 1905, o Presidente Rodrigues Alves baixou decreto criando a **Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.**

Era então Ministro da Guerra, o Mal Francisco de Paula Argolo e Chefe do EME, o Gen. Div. Francisco Antônio Rodrigues de Salles.

Essa Escola veio marcar um novo período na evolução do Exército Brasileiro.

O mais importante instituto da cultura militar do Exército, por falta de sede própria, começou a funcionar no edifício do antigo Ministério da Guerra, depois transferido para o prédio da extinta Escola Militar, na Praia Vermelha. Em 1921, transferiu-se para a Rua Barão de Mesquita, no Andaraí, onde atualmente está instalado o 1.º Batalhão de Polícia do Exército. Finalmente, em 1940, deslocou-se definitivamente para ocupar as instalações atuais, no histórico recanto da zona sul da Baía da Guanabara — a Praia Vermelha.

Em 1906, com o Aviso n.º 419, foram aprovadas as primeiras "Instruções para o concurso à Matrícula". Essas normas se tornaram a forma de seleção.

Ainda neste mesmo ano foi organizado e aprovado o 1.º currículo, para o triênio 1907 — 1906, cujas matérias foram distribuídas em 2 períodos ou anos letivos.

A 15 de abril de 1907, inicia-se o 1.º ano letivo da **ECEME**.

Numa incessante busca de aprimoramento e atualização, em 1909, o curso foi aumentado para 3 anos, sendo o último, de natureza teórico-prática. No currículo incluiu-se o ensino da astronomia, da estratégia e da história militar. Em 1913, os problemas logísticos e administrativos tiveram ênfase.

Em 1918, época em que o País entra em efervescência com a 1.ª Guerra Mundial, decide o governo interromper as atividades da Escola, até a normalidade da vida nacional, pois já estava provado que ela não poderia encerrar para sempre, suas fecundas atividades.

Ressentindo-se o Exército, da lacuna deixada com a interrupção dos cursos, e para atender imperativos da última guerra foi contratada, com o Governo da França, a vinda de uma **Missão Militar de Instrução.**

Sob o comando do Cel. Nestor Sezefredo dos Passos e orientação da MMF, chefiada pelo Gen. Emile Gamelin, a Escola reinicia suas atividades, a 20 abril 1920, instalada na ala Norte do antigo Ministério da Guerra, no Rio.

Foi valiosa a orientação. A Instrução Militar foi modernizada, tornou-se mais objetiva, era uma Escola de Tática Geral. Essa missão deixou o Brasil em 1940, mas, já estruturada, nenhuma solução de continuidade sofre a Escola.

Por época da 2.ª Guerra Mundial, por força das circunstâncias, a doutrina, os currículos, os processos de ensino, os métodos de trabalho e o próprio ambiente escolar, sofrem modificações. Os manuais norte-americanos são adaptados para substituir os originais da MMF.

Em 1955, novo regulamento foi aprovado e a Escola passa a designar-se **Escola de Comando e Estado-Maior do Exército,** atual nome.

Esta foi uma fase áurea em que grandes mestres da moderna cultura e saber militar em nosso País, se destacaram. A Escola projeta-se internacionalmente e recebe honrosas visitas de personalidades nacionais e estrangeiras.

A Escola se auto-firmara. Tem sua própria doutrina. Participa ativamente da Revolução de 31 de março de 1964, constituindo-se em um dos pólos principais dos acontecimentos, transformando a Praia Vermelha num dos baluartes da liberdade e da democracia.

Em 1969, com sua doutrina definida e adaptada às nossas reais necessidades e possibilidades, passa da subordinação do EME para o Departamento de Ensino e Pesquisa, então recém-criado.

MISSÃO

A **ECEME**, tem a missão de preparar oficiais das Armas para as funções de EM de GU e escalões superiores do Exército, bem como para o exercício das funções de comandante de GU e outras privativas de oficiais generais.

É também sua, a missão de preparar oficiais dos Serviços para as funções de EM Especial, peculiares aos serviços das GU, escalões superiores, assim como chefias privativas de oficiais-generais dos respectivos serviços.

Contribui ainda para a atualização dos conhecimentos dos oficiais do quadro de EM nos assuntos que ministra, e na modernização e desenvolvimento da doutrina militar do Exército.

CURSOS E CURRÍCULOS

Atualmente, a Escola oferece os cursos de altos estudos militares que são:

— Comando e Estado-Maior — CCEM, para oficiais das Armas, com duração de 3 anos;
— Curso de Chefia e Estado-Maior de Serviços — CCEMS, para oficiais dos Serviços, com duração de 2 anos.

Oferece também, Curso de Preparação — C Prep/ECEME, para oficiais das Armas e Serviços, realizado por correspondência, com a duração de 37 semanas.

Com a intenção de manter atualizados e nivelados os conhecimentos dos oficiais das Armas e Serviços habilitados nos cursos de altos estudos militares, além de cultivar o hábito do estudo e divulgar assuntos novos e modificações nos cursos da **ECEME**, criou-se em 1966 o Curso de Atualização — **CADECEME**, para oficiais das Armas e Serviços, realizado por correspondência, com a duração de 36 semanas.

O currículo atual da **ECEME**, divide-se em 4 grupos básicos:

— Grupo I — Segurança Interna e Guerra Revolucionária
— Grupo II — Operações Militares e Estado-Maior
— Grupo III — Cultura Profissional
— Grupo IV — Cultura Geral.

INGRESSO:

A matrícula é precedida de um rigoroso concurso de habilitação, que exige dos candidatos profundos conhecimentos ministrados na EsAO.

A ECEME já diplomou cerca de 3.400 oficiais brasileiros e 160 oficiais de Nações amigas, atestando o seu valor e a qualidade de seu ensino.

O Exército vale o que valem os seus homens, e esta é a preocupação primeira do grande Instituto de ensino militar — a **ECEME**.